



REVOLUÇÃO HAITIANA: MARCO DO IMPONDERÁVEL FRATERNAL

Deisemara Turatti

Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)

deisemaraturatti@unipampa.edu.br

Eixo 04: Migração e Direitos Humanos

RESUMO

Com este resumo pretende-se revelar as conjunturas da Revolução Haitiana, sob a luz do princípio da fraternidade, uma das expressões marco do lema da Revolução Francesa (1789): *Liberdade, Igualdade, Fraternidade*. Utiliza-se como metodologias, a abordagem dedutiva, o procedimento monográfico e a técnica de pesquisa bibliográfica. O Haiti, primeiro país latino-americano a se declarar independente e a primeira república negra do mundo, era ocupado por índios arauaques¹, quando em 1492 foi conquistado pelo imperialismo espanhol. A Ilha de São Domingos possuía uma localização geográfica estratégica, que facilitava o contrabando de mercadorias e bens por navios que atravessavam a área e, atraía a atenção pela potencialidade fértil e riquezas naturais (ABBOTT, 2014). Porém, amargou os estragos do colonialismo, enfrentou a violência conquistadora, sofrendo deveras as suas consequências. “Com o tempo, os índios tornaram-se vítimas de um processo violento de submissão a trabalhos forçados, deslocamento de suas terras, mortes e extermínio” (LOPES, QUEIROZ, ACCA, 2013, p. 81). A dizimação foi tão intensa que a Espanha, traficou negros africanos², adotando o trabalho escravo para a mão-de-obra nas plantações. As disputas entre Espanha, Inglaterra e França para o controle da ilha caribenha gerou a assinatura de tratados, mas, sem a interferência da população que habitava a ilha, pois, era considerado Homem, o europeu e masculino (ABBOTT, 2014). Com o Tratado de Ryswick³ (1697), envolvendo Espanha e França, a parte oeste da Ilha de São Domingos torna-se colônia francesa. Em 1795, com o Tratado de Basileia, terminam as lutas, estabelecendo o acordo de paz entre Espanha e França e, determinou que esta devolveria os territórios tomados na Espanha, em compensação abdicaria à França a parte oriental de São Domingos⁴ (República Dominicana), porque os france-

¹ Arauques são os numerosos grupos indígenas da América (Bolívia, Brasil, Colômbia, Guiana, Paraguai, Peru, Venezuela e Antilhas) cujo idioma e todas as variações eram provenientes do tronco linguístico Arawak, que significa comedor de farinha.

² Os primeiros negros escravos foram trazidos por volta do ano de 1518 (ABBOTT, 2014).

³ O Tratado de Ryswick, entre outras convenções, determinou que a França recebesse da Espanha a parte ocidental da ilha de São Domingos que já estava habitado pelos franceses (atual Haiti) e aos espanhóis caberia a parte oriental (hoje República Dominicana).

⁴ A estimativa da população escrava da colônia na América Francesa (Caribe) em 1770 era de 379. 000 escravos em um total de 430. 000 habitantes (BLACKBURN, 2002, p. 17).

ses já dominavam a parte ocidental da ilha (Haiti). Em 1791, iniciou a Revolução Haitiana, intenso pela libertação dos escravos e, apenas em 1º de janeiro de 1804, foi proclamada a independência do Haiti. “A luta contra os franceses havia despertado no povo de São Domingos um verdadeiro sentimento de nacionalidade, em termos de uma *hispanidad* mais ilibada (MOYA PONS, 1980, p. 78). A insurreição era inaceitável e inconcebível, porque a ideia da rebelião dos negros escravos colonizados, encontrava-se fora dos limites de entendimento e aceitação dos partidários e dos adversários da raça, do colonialismo e da escravidão que se praticava nas Américas, ao ponto de perpetrar o silêncio histórico da revolução. Ocorre que, as palavras de ordem da Revolução Francesa seguiram para a colônia e, sob a liderança de Toussaint Louverture⁵, produziram movimentos junto aos negros para a própria emancipação e libertação. Não tratou-se apenas de uma estratégia de “The Black Napoleão”, foi sua auspiciosa postura, que o dirigiu à “[...] retomar as ideias de liberdade, igualdade e fraternidade, a desenvolvê-las também teoricamente e a dar a elas uma aplicação que, para a cultura europeia, representava ‘o impensável’” (BAGGIO, 2008, p. 25). Quiçá esta seja a máxima lição deste fatídico evento para a humanidade, mesmo silenciado por historiadores e cientistas, a Revolução Haitiana desponta as nuances da fraternidade para sua plena compreensão, eis que este princípio foi deixado de lado, justificando-se quem sabe as mazelas contemporâneas das e nas relações humanas e sociais.

Palavras-chave: Direitos humanos. Princípio da Fraternidade. Liberdade e emancipação.

Referências

ABBOTT, Cesar; *et. al.* Haití y la República Dominicana: un conflicto con presente, pasado y futuro. *In: Ideología esclavista*, 2014.

BAGGIO, Antonio Maria. A ideia de fraternidade e a fundação dos Direitos Humanos no contexto colonial – a contribuição do pensamento negro. *In: Revista diálogos possíveis*, Salvador, ano 14, n. 2, p. 20-30, jul. /dez. 2015.

GODECHOT, Jacques. **A Revolução Francesa** – cronologia comentada 1787-1799. Tradução de Julieta Leite. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

MOYA PONS, Frank. **Manual de história dominicana**. 5. ed. Santiago: UCMM, 1980.

QUEIROZ, Rafael Mafei Rabelo; ACCA, Thiago dos Santos. **Curso de história do Direito**. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense; São Paulo: Método, 2013.

⁵ François Dominique Toussaint (1743- 803), conhecido como **Toussaint-Louverture**, nascido na plantação de Bréda, próximo ao cabo francês em Santo Domingos, filho de escravos, torna-se cocheiro do proprietário da plantação e é alforriado em 1777. Durante a revolta dos escravos negros no Norte de Santo Domingos, em agosto de 1791, alia-se aos revoltosos. Vence várias batalhas, torna-se um símbolo da liberdade dos negros e foi o maior líder da Revolução Haitiana, tendo posteriormente assumido a posição de governador de Santo Domingos (atual Haiti), forçando os representantes da França a retirar-se da ilha. (GODECHOT, 1989, p. 390).